

Net-ativismo

Redes digitais e novas práticas de participação

Massimo Di Felice

Eliete Pereira

Erick Roza

(orgs.)

Aissa Merah • Eli Borges Júnior • Isabel Babo • Jennifer Earl •

José Alberto Sánchez Martínez • Lucia Santaella •

Maria Luján Tubio • Marina Magalhães de Moraes •

Marta Severo • Massimo Cerulo • Michel Maffesoli •

Myriam Achour Kallel • Pierre Lévy • Pierre-Noël Denieul •

Raquel Melo • Sérgio Bairon • Sihem Najjar • Stefano Bory •

Stéphane Hugon • Tito Vagni



P A P I R U S

MASSIMO DI FELICE
ELIETE PEREIRA
ERICK ROZA
(orgs.)

Revisão técnica

Ana Patrícia Santana • Dora Kaufman • Eli Borges Júnior
Eliete Pereira • Julliana Cutolo • Raquel Melo • Thiago Franco

NET-ATIVISMO

REDES DIGITAIS E NOVAS PRÁTICAS DE PARTICIPAÇÃO



PAPYRUS EDITORA

MASSIMO DI FELICE
 ELIETE PEREIRA
 ERICK ROZA
 (orgs.)

Capa
 Coordenação
 Coteleque
 Diagramação
 Revisão técnica
 Revisão

Fernando Comacchia
 Ana Carolina Freitas
 Mônica Saddy Martins
 DPG Editora
 Ana Patrícia Santana, Dora Kaufman, Eli Borges Júnior,
 Eliete Pereira, Juliana Cutolo, Raquel Melo e Thiago Franco
 Isabel Petronilha Costa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
 (Clémara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Net-ativismo: Redes digitais e novas práticas de participação/
 Massimo Di Felice; Eliete Pereira, Erick Roza (orgs.). – Campinas,
 SP: Papirus, 2017.
 Vários autores.
 Bibliografia.
 ISBN 978-85-449-0266-0
 1. Artigos – Coleções. 2. Ativismo. 3. Comunicação digital
 4. Internet – Aspectos sociais. 5. Movimentos sociais. 6. Redes de
 computadores – Aspectos sociais. I. Di Felice, Massimo. II. Pereira,
 Eliete. III. Roza, Erick.
 17-07533 CDD-303.4833

Índice para catálogo sistemático:

1. Net-ativismo: Redes digitais: Internet: Aspectos sociais: Sociologia 303.4833

1ª Edição – 2017

Proibida a reprodução total ou parcial da obra de acordo com a lei 9.610/98.
 Editora filiada à Associação Brasileira dos Direitos Reprográficos (ABDR).

DIREITOS RESERVADOS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA:
 © M.R. Comacchia Livraria e Editora Ltda. – Papirus Editora
 R. Dr. Gabriel Penteado, 253 – CEP 13041-305 – Via João Jorge
 Fone/fax: (19) 3790-1300 – Campinas – São Paulo – Brasil
 E-mail: editoria@papirus.com.br – www.papirus.com.br

Excerto no caso
 de citações, a
 grafia deste livro
 está atualizada
 segundo o Acordo
 Ortográfico da
 Língua Portuguesa
 adotado no Brasil
 a partir de 2009.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO 7
Massimo Di Felice, Eliete Pereira e Erick Roza

PARTE I
 NET-ATIVISMO: AS DIMENSÕES INFORMATIVAS
 DA PARTICIPAÇÃO E DO CONFLITO

1. NET-ATIVISMO E ECOLOGIA DA AÇÃO EM CONTEXTOS RETICULARES 13
Massimo Di Felice

2. A ESFERA PÚBLICA DO SÉCULO XXI 29
Pierre Lévy

3. "NET-ATIVISMO": DO MITO TRADICIONAL À CIBERCULTURA PÓS-MODERNA 39
Michel Maffesoli

4. POSSIBILITANDO DIGITALMENTE A MUDANÇA SOCIAL:
 APROVEITANDO AFFORDANCES E PROMOVENDO A MUDANÇA 53
Jennifer Earl

5. EM DIREÇÃO A UMA NOVA ECOLOGIA RELACIONAL 65
Stéphane Hugon

6. REDES E ATIVISMO 77
Isabel Batho

7. POLÍTICA NAS REDES E NAS RUAS 89
Lucia Santaella

8. A HABILITAÇÃO DO SENSO COMUM NAS ESFERAS
 HETERARQUICAS DA PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO:
 O ENTORNO CULTURAL PALINÓDICO 103
Sérgio Baiton

9. SOBRE A AÇÃO NAS REDES DIGITAIS: DA "AÇÃO TRANSITIVA"
 AO "ATO CONECTIVO" 115
Eli Borges Júnior

PARTE II

AS EXPERIÊNCIAS NET-ATIVISTAS NO BRASIL E NO MUNDO

- ARGÉLIA**
10. DISCURSO DE MUDANÇA NAS DISCUSSÕES ON-LINE: NET-ATIVISMO DE EFERVESCÊNCIA..... 139
Aïssa Merah
- BRASIL**
11. A EXPERIÊNCIA NET-ATIVISTA DAS VÁDIAS NO BRASIL 151
Erick Roza e Raquel Melo
12. NET-ATIVISMO INDÍGENA BRASILEIRO: NOTAS SOBRE A ATUAÇÃO COMUNICATIVA INDÍGENA NAS REDES DIGITAIS 169
Eliete Pereira
- COLÔMBIA**
13. OUSE BOGOTÁ – HOLLABACK: NET-ATIVISMO E ASSÉDIO DE RUA..... 183
Maria Luján Tubío
- EGITO**
14. O PROTESTO DOS EGÍPCIOS MIGRANTES PELO DIREITO AO VOTO: UM CASO DE NET-ATIVISMO TRANSNACIONAL 193
Marta Severo
- ITÁLIA**
15. A REDE DECIDE? O CASO DO MOVIMENTO 5 ESTRELAS 207
Stefano Bory
16. GASTRONOMIA E REDES DIGITAIS: DO CONSUMO CRÍTICO AO NET-ATIVISMO 221
Tito Vogri
17. ESFERA PÚBLICA EMOCIONAL E FORMAS DE RESISTÊNCIA SOCIAL 235
Massimo Cerulo
- LÍBIA**
18. OS CIBERATIVISTAS LÍBIOS E A LUTA CONTRA O AUTORITARISMO..... 247
Sihem Najjar
- MÉXICO**
19. EVOCAÇÕES DO ZAPATISMO: INTERNET, ATIVISMO E POLÍTICA 257
José Alberto Sánchez Martínez
- PORTUGAL**
20. DOS MANIFESTOS AOS PIRATAS INFORMÁTICOS DE UMA GERAÇÃO À RASCA: NET-ATIVISMO NAS REDES PORTUGUESAS 269
Marina Magalhães de Moraes
- TUNÍSIA**
21. AS NTICS PELO PRISMA DA ETNOTECNOLOGIA..... 289
Pierre-Noël Denieul
22. "O ROLLS-ROYCE E O FUSCA": CONTROVÉRSIAS DA ESCRITA OU A IMPORTÂNCIA POLÍTICA DAS ESCRITAS NO FACEBOOK 295
Myriam Achour Kalliel

APRESENTAÇÃO

Massimo Di Felice
Eliete Pereira
Erick Roza

Nos últimos anos, no Brasil e no mundo, a explosão do acesso à internet e a difusão de diversas formas de conectividade promoveram o surgimento de uma nova forma de participação – nova pelo lugar singular de sua origem e nova, também, em seu formato de organização e atuação.

O que há de comum entre as manifestações de junho de 2013 do Brasil, a Primavera Árabe, os movimentos dos indignados, com Anonymous, Occupy Wall Street e os diversos números de movimentos espalhados pelo mundo? Seu lugar de origem e sua singular ecologia de ação. Todas essas experiências, diversas em seus contextos culturais e políticos, originaram-se *on-line*, em *blogs*, *sites* ou redes temáticas que, de forma autônoma, disseminaram suas reivindicações, seus protestos, alcançando em breve tempo proporções estendidas que, em muitos casos, superaram fronteiras nacionais, juntando indivíduos e grupos diversos por extração social e visões políticas. Mais que o uso estratégico das redes digitais por parte de movimentos sociais existentes, as arquiteturas da informação foram o lugar de origem de grupos de opiniões, redes temáticas que apenas sucessivamente ganharam a rua, tornando suas reivindicações e seus protestos a origem de conflitos que, em alguns casos, como os dos países do norte da África, levaram à queda de governos autoritários e, em outros, à concretização de importantes processos de mudança.

- PANISSON, A. (2011). "The Egyptian revolution on Twitter". *Gephi blog*, n. 15, fev.
- ROGERS, R. (2009). *The end of the virtual: Digital methods*. Amsterdã: Vossiuspers UvA.
- ROWE, P.S. (2001). "Four guys and a fax machine? Diasporas, new information technologies, and the internationalization of religion in Egypt". *Journal of Church and State*, v. 43, n. 1, pp. 81-92.
- SEMEIKA, M. e TAA'LAB, E. (2011). "Egyptian expats call for right to vote". *Egypt Independent*, 5/4/2011.
- STOCCHIERO, A. (2004). "Fostering Egyptian local development through diasporic networks in Italy". Documento de política geral do CeSPI sobre o projeto "The Integrated Migration Information System (Imis)". Roma.
- ZHUO, X.; WELLMAN, B. e YU, J. (2011). "Egypt: The first internet revolt?". *Peace Magazine*, v. 27, n. 3, jul.-set., p. 6.
- ZOHRY, A. e DEBNATH, P. (2010). "A study on the dynamics of the Egyptian diaspora, strengthening development linkages". *International Organization for Migration in Egypt*, jul. Cairo. [Disponível na internet: [http://www.egypt.iom.int/Doc/A%20Study%20on%20the%20Dynamics%20of%20the%20Egyptian%20Diaspora%20\(English\).pdf](http://www.egypt.iom.int/Doc/A%20Study%20on%20the%20Dynamics%20of%20the%20Egyptian%20Diaspora%20(English).pdf)]

A REDE DECIDE? O CASO DO MOVIMENTO 5 ESTRELAS*

Stefano Bory

O caso do Movimento 5 Estrelas (M5S), na Itália, é muito particular, entre a ideia tradicional de movimento (Gamson 1988) e as novas e dificilmente exploradas formas de ativismo do novo milênio. Contraditório para quem procura lê-lo como um movimento político segundo os critérios ideológicos da modernidade (Melucci 1982), em constante mudança em sua forma de organização e em sua identidade, o M5S representa talvez a forma mais anômala e híbrida de net-ativismo no panorama europeu. A participação política desse fenômeno histórico de cidadania ativa se move no interstício entre ativismo dissidente e movimento político integrado sem, porém, que se permita colocá-lo totalmente dentro de uma categoria política precisa. Diferente em várias formas do Partido Pirata nos seus discursos identitários e nas práticas de gestão interna, pouco comparável ao Podemos no modo de se propor como sujeito político de um ponto de vista ideológico e sistêmico, não assimilável pelos movimentos sociais de modelo extraparlamentar, o M5S se apresenta como um laboratório permanente, capaz de modificar sua dinâmica operativa e organizativa por uma lógica "não estatutária", mas, ao mesmo tempo, extremamente disciplinada: um estudo de caso extremamente singular, inserido em um contexto sociocultural reconhecido por muitos como em declínio (Craveri 2016).

Entre uma abordagem sociológica e uma abordagem de filosofia social dos processos culturais e comunicativos, este capítulo propõe uma leitura biográfica e

* Tradução: Erick Roza.

interpretativa do fenômeno M5S, procurando individualizar seu percurso e suas formas de decisão e elencar alguns traços de relevo da transformação tecnocultural que a cultura do ativismo em rede está atravessando hoje. De movimento de rede a movimento político institucional, não se pode prescindir de uma história biográfica do M5S para compreender tais características de relevo. É por esse motivo que a necessidade de historicizar seu breve, mas intenso, percurso, obriga-nos a falar de uma “biografia” do movimento.

Em uma segunda parte, procuraremos descrever a identidade tecnocultural dele, explicando como o “princípio” da rede é fundamental para pensar e determinar sua forma digital/real. Uma espacialidade digital e uma pragmática real se misturam, tornando extremamente difícil enquadrar o movimento nas categorias tradicionais. Ao mesmo tempo, seu percurso como sujeito político e eleitoral não lhe permite se distinguir totalmente do universo institucional propriamente dito.

Uma terceira parte, de caráter mais analítico-interpretativo, buscará jogar luz nas contradições criativas que a relação entre sujeito e coletivo, conectivo e coletivo, real e digital permite observar, com o objetivo de mostrar como, ao menos nesse exemplo empírico italiano, uma fenomenologia do net-ativismo é ainda pouco estruturada e resta toda a ser explorada.

Uma abordagem biográfica

Ao clássico imperativo de “historicizar sempre”, de Jameson (1981), para compreender as dinâmicas complexas que dão forma ao M5S, é necessário adicionar um *fazer biografia* sempre. Se consideramos possível falar de um fenômeno unitário, encontramos-nos diante de um movimento que tem uma história de 13 anos.

Existe um mito fundador, precedente ao nascimento do movimento, que pode ser útil para compreender o percurso histórico-tecnológico dessa forma particular de ativismo em rede. Expulso das televisões italianas no longínquo ano de 1986, o comediante italiano Beppe Grillo, em um espetáculo teatral em 2000, destrói com um martelo um computador, acusando a indústria de informática e seu sistema produtivo e de consumo. Hoje, esse comediante é autor de um *blog* que o transformou em um dos líderes de opinião mais importantes da blogosfera mundial.¹

Essa mudança de rota com relação ao universo digital da rede aparece também de um ponto de vista biográfico: Grillo encontra nos primeiros anos da década de 2000 Gianroberto Casaleggio, um empreendedor da *web* fascinado pela cultura californiana, que se tornará seu amigo e companheiro. Da crítica à exaltação, num contexto de desconfiança radical nas instituições partidárias da Itália e de grande crise das ideologias políticas, uma imprevisível e massificada adesão às declarações de Grillo na rede se desenvolve no território italiano. Podemos considerar essa fase de crescimento e afirmação do *blog* de Grillo como um período de gestação das formas de ativismo da cidadania não partidária italiana, que verá o nascimento de sua forma organizativa em rede no ano de 2005.

Foi naquele ano que, com o aconselhamento de Casaleggio-Grillo, propôs-se a criação de um MeetUp Amigos de Beppe Grillo. Utilizando um *site*-plataforma americano, Grillo propôs a quem o seguia criar grupos territoriais para pensar e inventar formas de participação de base local, como escreveu na página de acesso à plataforma: “Pensei como fazer, como dar a todos aqueles que seguem o meu *blog* a oportunidade de se encontrarem, discutir, produzir iniciativas, ver-se pessoalmente. Decidi utilizar MeetUp. MeetUp” (www.beppegrillo.it/meetup). De 2005 até hoje, assistimos à difusão de grupos de cidadania ativa de modo exponencial. Mais de 160 mil ativistas inscritos nos MeetUps territoriais, com aproximadamente 5 mil pessoas nos grandes aglomerados urbanos. O net-ativismo na Itália tem a sua mais estruturada expressão nesses grupos locais que se organizam e discutem em rede, procurando propor iniciativas e soluções a problemas coletivos de vários tipos: privatização dos sistemas de água municipais, poluição, energia renovável, transporte e corrupção no sistema político podem ser indicados como os principais. O *site* MeetUp se revela um instrumento eficaz de organização: permite realizar muito rapidamente reuniões e encontros reais, fornece páginas com as quais se criam documentos, faz convergir para um único espaço os instrumentos de captação de recursos em tempo muito curto, oferece espaços de conversação nos quais preparar ou prosseguir discussões entre membros do grupo, com um princípio horizontal e não hierárquico.

Similar em conteúdo aos movimentos ecológicos, os MeetUps de Beppe Grillo tomam parte à mesa da democracia participativa territorial para depois se destacar, propondo-se gradualmente como sujeitos coletivos dotados de identidade específica: grupos uniformes de cidadania ativa. Esse é o primeiro ponto-chave para compreender o ativismo daquele que depois será chamado de M5S no plano eleitoral e institucional: na realidade dos MeetUps Amigos de Beppe Grillo, ações coletivas e ações conectivas estão estreitamente ligadas, são uma forma de net-ativismo que se move entre espaço físico e espaço digital com coerência política e intensidade de participação inédita. O fazer junto em rede, segundo o princípio do

1. Em 2006, o *blog* beppegrillo.it foi colocado pela *Technorati* entre os primeiros *blogs* mundiais, ocupando a 28ª posição na classificação organizada pelo portal http://www.corrriere.it/Primo_Piano/Scienze_e_Tecnologie/2006/10_Ottobre/10/grillo.shtml.

small pieces loosely joined, de Weinberger (2002), e as conversações em rede como nova essência do espaço público não foram nunca estados assim concretizados na península italiana: uma população heterogênea discute na *web*, organiza eventos reais, decide em conjunto os tópicos sobre os quais debater, encontra-se em reuniões face a face sem construir relações hierárquicas,² para depois retornar à *web* e prosseguir o trabalho desenvolvido e decidido durante as reuniões de grupo. Conectivo e coletivo, podemos afirmar, não são diferentes no plano pragmático, tornando-se duas vertentes de um mesmo processo. Podemos pensar essa fase como um momento de crescimento e desenvolvimento muito significativo, uma forma de juventude enérgica de um movimento nas suas deslocadas unidades espaciais.

Aqui, então, o fenômeno assume dimensões muito maiores com o tempo.

Dotados de tais capacidades organizativas e numéricas, eventos de porte considerável se seguem nos anos. Depois de ter criado uma rede nacional de diferentes grupos locais, os amigos de Beppe Grillo organizam um evento político em 2007 com o explícito título *Vday (Vaffanculo day)*,* que toma numerosas praças da Itália, com epicentro em Bolonha (com um grupo de cidadãos que superou os 50 mil somente nessa cidade da Emilia-Romanha). Foram recolhidas em poucas horas, em todo o território nacional, 300 mil assinaturas para pedir um referendo popular com o objetivo de reformular o funcionamento das candidaturas ao parlamento por um limite de duas legislaturas para qualquer eleito e de modificar a lei eleitoral para reintroduzir o voto de preferência. De um ponto de vista histórico, só o referendo pelo divórcio, nos anos 1970, tinha visto uma mobilização tão forte da cidadania italiana, mas não num tempo tão curto: dois dias e as assinaturas estavam prontas para serem depositadas no parlamento. Trata-se de um *turning point* biográfico fundamental na vida do movimento, que, nos anos seguintes, verá uma série de listas cívicas registradas e certificadas como “Lista cívica Amigos de Beppe Grillo”, propostas nas eleições municipais.

Essa tradição é levada em consideração como uma mudança estrutural: do net-ativismo no sentido mais amplo e não ligado às instituições políticas, passa-se a uma forma de ativismo político de caráter institucional. Entre 2007 e 2012, a participação insistente em todas as eleições, não obstante os resultados desfavoráveis, permite obter algumas conquistas (entre as quais, Parma 2012), com

2. - A estrutura conectiva é gerida pelos *organizers*, que são constantemente trocados, para que não assumam posições de destaque no tempo e para que sua identidade pessoal não coincida com um papel de liderança, ainda que instrumental.

* Dia do “Vá tomar no cu”. (N.T.)

o símbolo registrado no ano de 2009 como Movimento 5 Estrelas³ pelos mesmos Beppe Grillo e Gianroberto Casaleggio. Essas duas figuras representam os rostos simbólicos de uma nova força política que se define como não ideológica e como um não partido, com o mesmo não estatuto, afirma num de seus pontos principais.

Artigo 4: Objeto e finalidade

O Movimento 5 Estrelas pretende reunir a experiência adquirida no *blog* www.beppegrillo.it, nos MeetUps, nas manifestações e em outras iniciativas populares e nas listas cívicas certificadas, e passa a construir, no *blog* em si, a ferramenta de consulta para identificação, seleção e escolha daqueles que serão candidatos para promover as campanhas de sensibilização social, cultural e política promovidas por Beppe Grillo, bem como propostas e ideias compartilhadas dentro do *blog* www.beppegrillo.it nas eleições para a câmara dos deputados, o senado da república ou os conselhos regionais e municipais, organizando-se e estruturando-se pela internet, que desempenha papel central, reconhecido no processo de adesão ao movimento, na consulta, na deliberação, na decisão e na eleição.

O Movimento 5 Estrelas não é um partido político nem pretende se tornar um no futuro. Quer ser testemunha da possibilidade de realizar uma troca eficiente e eficaz de opiniões e de debate democrático para além das ligações associativas e participativas e sem a mediação de organismos diretos ou representativos, reconhecendo à totalidade dos usuários da rede o papel de governo normalmente atribuído a poucos (<https://s3-eu-west-1.amazonaws.com/materiali-bg/Regolamento-Movimento-5-Stelle.pdf>).

Eis aí a fase adulta do fenômeno histórico do net-ativismo italiano, objeto desta breve reconstrução biográfica. De uma forma de ativismo territorial totalmente externa às instâncias políticas de caráter institucional, passa-se, em alguns anos, a uma verdadeira entidade política, totalmente anômala em relação ao panorama tradicional, por ser organizada pelo princípio participativo *bottom-up* e estruturada segundo lógicas relacionais provenientes da experiência da conversação em rede. Trata-se, de um ponto de vista cultural, também de uma nova perspectiva histórica no quadro das relações entre mundo político e mídias tradicionais.

Quando, em 2013, o M5S obtém nas eleições nacionais 23,79% dos votos totais para a câmara dos deputados e o senado, assistimos à mais forte

3. - As cinco estrelas representam cinco objetivos políticos que são mutantes no tempo. Os atuais são: água pública, transporte sustentável, desenvolvimento sustentável, direito de acesso à rede, ambiente.

institucionalização de um movimento de cidadania organizado em rede da história. Os 21% nas eleições europeias de 2014 e a eleição dos prefeitos de Roma e de Turim, em 2016, reforçam e confirmam definitivamente a formação do M5S como uma verdadeira força política no cenário italiano. Se, de um lado, é possível interpretar esse *boom* de votos como expressão do descontentamento de um eleitorado indeciso contra a mistura de austeridade e a onda de corrupção das forças políticas no governo (Bordignon e Ceccarini 2013), por outro, faz-se necessário compreendê-lo como o resultado de uma tentativa de mudança dos paradigmas culturais e comunicativos na sociedade civil italiana.

A forma digital: A rede entre sujeito e coletivo

Este percurso biográfico ainda em construção não conta somente a vida de um vírus dentro da partidocracia italiana, mas também a História – aquela com H maiúsculo – de uma transição tecnocultural muito significativa. Esse sujeito político anômalo constituído por cidadãos que nunca fizeram parte de um partido político – um dos critérios para poder ser candidato pelo M5S – não tem uma sede real, como descrito em seu não estatuto.

Artigo 1: Natureza e sede

O Movimento 5 Estrelas é uma “não associação”. Representa uma plataforma e um veículo de debate e consulta que tem origem e encontra seu epicentro no *blog* www.beppegrillo.it.

A “sede” do Movimento 5 Estrelas coincide com o endereço *web* www.beppegrillo.it. O contato com o M5S é assegurado exclusivamente pelo correio eletrônico, no endereço: movimento5stelle@beppegrillo.it.

Insistindo na necessidade de renovar a classe política do país, eliminar a corrupção, reintroduzir boas práticas democráticas, horizontais, centradas nos processos decisórios de baixo para cima, seguindo o mote “um vale um”, o M5S propõe também uma visão da rede como instrumento de democracia real capaz de romper historicamente com o domínio dos meios de comunicação de massa tradicionais. A rede não é só o lugar no qual reside o movimento em si, ela é também um meio de debate, conversação, discussão e decisão pelo qual se faz da cidadania o verdadeiro ator da agência política, como afirmam Vaccari (2008) e Natale e Ballatore (2014), respectivamente:

Em primeiro lugar, o sucesso eleitoral do M5S sinalizou o surgimento definitivo da mídia digital como um veículo principal para o debate político e o agenciamento político na Itália: a *web*, de fato, funciona como a principal arena de discussão e coesão interna para o movimento. Tal centralidade da internet revelou-se particularmente disruptiva no contexto italiano, dada a relutância generalizada de partidos italianos de considerar a internet como um meio primordial para a comunicação política. (Vaccari 2008, p. 186)

Em segundo lugar, as questões da cultura digital desempenham um papel crucial na mensagem política do Movimento 5 Estrelas. Na verdade, os dois cofundadores e líderes do M5S, o comediante profissional Beppe Grillo e o empresário da internet Gianroberto Casaleggio, combinaram uma vigorosa recusa ao establishment político e econômico italiano com reivindicações entusiasmadas sobre o potencial da *web* e das novas tecnologias de mídia. (Natale e Ballatore 2014, p. 106)

Não se trata somente de uma retórica da *web*, mas de uma verdadeira e nova forma de ativismo político digital. O princípio discursivo dos *posts* de Grillo em seu aclamado *blog* criam um verdadeiro laboratório de ideias e novas práticas que a opinião pública e os meios de comunicação em todo o território nacional e internacional não quiseram nunca pesquisar a fundo. Trata-se de um problema de escala: escala territorial, porque, até quando os grupos territoriais dos MeetUps agiram sem participar dos debates da arena política formal, o problema da *web* não era um problema, mas um recurso; escala de rede, porque, de grupos de conversação e ativismo em rede, passou-se a uma rede de cidadania nacional sem possibilidade de transição do *on-line* ao *off-line*. Por escala territorial e por número, a passagem dos MeetUps do net-ativismo à agência política formal do M5S nos permite individualizar algumas continuidades e descon continuidades que vale a pena considerar.

A revolução digital foi tida como uma nova possibilidade de ampliação e dilatação sem fronteiras dos espaços democráticos, superando os limites do sistema hierárquico tradicional (Barlow 1996), um espaço de solução dos conflitos de caráter ambivalente (Morozov 2001) e provavelmente utópico (Formenti 2000). O problema da escala que procuramos analisar tem o que dizer a essa representação tecnocultural da *web* como solução possível, com chance de uma decisão democrática legítima vinda de baixo. A troca de informação e a lógica da conversação que tiveram lugar entre ativismo territorial e net-ativismo nos MeetUps é uma tentativa histórica de experimentação de exercício de ação política possível no contexto digital: um tipo de aplicação da base informacional que Amartya Sen definia como condição necessária para aplicar um modelo democrático fundado na *social choice* ou uma escolha

derivada de uma tomada de consciência dos objetivos e dos interesses de todos os membros de um grupo e não só de uma parte (Sen 1999). Superando o princípio do voto da maioria, a *social choice* permite operar escolhas coletivas capazes de compreender qual seria o bem comum destinado a melhorar as condições de vida de toda a coletividade sem excluir nenhum membro da fase consultivo-deliberativa. Uma escolha social, portanto. A luta contra a privatização do sistema de distribuição de água em Nápoles nos anos 2005-2007 poderia representar um exemplo de tal escolha coletiva. Ao mesmo tempo, o uso da rede para difundir documentações e estratégias programáticas de intervenção representou a interface operacional de tal escolha social com resultados surpreendentes. A rede na integração dos ativistas dos MeetUps em escala local assumiu um papel instrumental e reflexivo de extrema relevância: permitiu não só acelerar no tempo uma série de interações organizativas sobre as quais já não é necessário se debruçar – planejamento de eventos, coleta de material, elaboração de documentos, divisão do trabalho de preparação, e assim por diante –, mas, sobretudo, alimentar o debate interno da cidadania ativa, suprindo a falta estrutural e congênita das durações das reuniões presenciais. Não modificou radicalmente a dinâmica de enfrentamentos no que diz respeito às ideias, mas enriqueceu de informações um processo “conversacional” que necessita do encontro real para poder se instaurar e prosseguir no tempo. Em numerosos casos, os MeetUps chegaram a tomar decisões compartilhadas por todos os ativistas sem precisar recorrer nem ao voto da maioria nem a uma liderança carismática e centralizadora. *On-line* e *off-line* frequentemente interagiram de modo coerente no que se refere às práticas que assintoticamente se aproximam dos modelos da escolha social.

Mas o que acontece quando as escolhas já não são escolhas territoriais específicas e a população do grupo de decisão sobe para dezenas de milhões de indivíduos? A passagem dos MeetUps ao M5S, nesse plano, representa uma daquelas que podemos definir como contradições digitais desse exemplo de ativismo político. Se o deputado ou o senador não devem escolher por delegação, mas respeitar e aplicar uma série de escolhas programáticas feitas pela “cidadania em rede”, é possível continuar a considerar aplicável o modelo de base informacional, com transparência total, acesso a cada tipo de informação, elaboração e discussão coletiva de decisões?

A pergunta evoca dois aspectos que necessitam de um aprofundamento analítico.

O primeiro é ligado à forma digital e real nas redes de relação direta entre os ativistas. É evidente que um grupo ativo em um território para definir os interesses comuns – ou os bens comuns, seria uma questão terminológica a resolver... – de

uma realidade circunscrita se autorrepresenta e produz agência política em perfeita simetria com as intenções, as expectativas e as propostas por ele mesmo produzidas. Os sujeitos-atores da ação política utilizam a rede como instrumento de elaboração e suporte de suas próprias ideias. Utilizando uma abordagem gnosiológica estruturada na relação entre o todo e a parte, o cidadão se sente, como subjetividade, expressão da coletividade, torna-se uma *pars totalis* simbólica (Godin 2000): por meio da participação em uma escolha dividida da totalidade do grupo, os sujeitos individuais contêm, como atores políticos, todas as características do grupo político. Aproveitando a metáfora do texto de Weinberger, encontra-se diante de *small pieces strongly joined*. A diferença que podemos individualizar em relação à militância clássica da base de um partido político, feita nas pequenas sedes de bairros, está na relação com as estruturas intermediárias até o vértice e no diálogo a distância que os sujeitos instauram com este. Não tendo o MeetUp algum tipo de organização vertical, vai acabando qualquer que seja o tipo de orientação na direção de uma nomenclatura hierárquica fora do contexto relacional desse mesmo grupo ativista – Grillo nunca interveio nas atividades dos grupos ativistas locais. A rede, nesse quadro, atua também como meio de legitimação dessa forma horizontal.

No momento em que o M5S se torna forma política composta de deputados e senadores, parlamentares europeus e conselheiros regionais, essa forma de continuidade entre a comparação assembleia-coletivo e organização-elaboração em rede não se reproduz, não obstante as ambições ético-participativas que a animam. O ativista local se torna o candidato de seus coativistas, membro de uma câmara, e seu sistema relacional se reorienta em direção a uma forma de caráter tradicional. Não é o clássico separar-se da base, é a perda da possibilidade de sentir-se parte expressiva do todo – não obstante, a carga institucional deveria fazer pensar o contrário. O cidadão eleito – os membros do M5S refutam o “Vossa Excelência” (em italiano: *onorevole*) com o qual se costuma chamar um membro da câmara – já não consegue sentir-se *pars totalis*, porque privado de qualquer mecanismo de participação horizontal que constitui o princípio mesmo do ativismo dos MeetUps. O princípio da delegação se reafirma com força, porque essa intervenção reduziu a rede de relações diretas, de um lado, e a rede digital, de outro. A influência da liderança de Grillo a respeito dos conteúdos e das declarações políticas se torna imprescindível, particularmente na relação que os eleitos devem ter com os jornais e as mídias tradicionais.

O segundo aspecto está ligado às temporalidades mesmas da atividade política institucional em relação à temporalidade deliberativa e conversacional do ativismo local. Se o princípio deliberativo proposto pelo M5S é um princípio baseado na vontade popular por meio das redes, as relações entre espaço e tempo

de decisão se afrouxam sem uma reversão possível de tendência. As decisões dos MeetUps, levadas em conta sempre pela maior parte dos casos em fase de assembleias, podem contar com a rede em casos de extrema urgência, mas nunca de extrema importância. Se decidem em conjunto, é depois de haver compartilhado informações e ideias. No caso de uma atividade parlamentar, o MSS tem sempre sustentado que a rede entraria no centro de comando. Se é verdade que os *streamings* e a informação em tempo real transmitida pelos eleitos modificam radicalmente a percepção da atividade parlamentar, isso não significa que a cidadania ativa tenha conseguido fazer parte das discussões do parlamento e nem que tenha a capacidade de intervenção e o direito de palavra para as questões de urgência. A qualidade aceleradora e difusa da rede não tem valor em uma configuração desse gênero: na forma institucionalizada do MSS, de mecanismos de delegação para uma boa parte das ações discursivas e de voto dos seus representantes, não é possível informar, consultar, decidir com a cidadania ativa. Nas formas de ação política do MSS dentro da estrutura política, há um *gap*, uma solução de continuidade não resolvida que impede a defesa do uso da rede como *leitmotiv* da participação. Nas instituições, a proximidade da *social choice* não tende na direção da escolha coletiva. Retorna-se à política por delegação, com uma grande parte das propostas de leis redigidas e pensadas por uma pequena representação. Retorna-se ao modelo tradicional do voto pelo princípio da maioria em rede para decisões “sim-não”, sem consulta coletiva e com pouca transparência sobre processos de decisão pregressos. A plataforma do MSS foi reduzida, por alguns anos, a uma forma de interface mais próxima às lógicas de uma democracia participativa que de uma verdadeira prática de agência política conduzida pelos cidadãos.

A rede decide?

A consciência dessa diferença entre net-ativismo territorial e participação na vida política institucional da cidadania ativa vem sendo traduzida no MSS como um ataque da velha política aos princípios da democracia 2.0. *Um vale um* não deve se traduzir em *in omnia unum*, e o cidadão eleito tem a obrigação ética de não se destacar da vontade popular. Depois de um longo período de espera, em 2016, o MSS ativa um novo sistema operacional com o objetivo de resolver a contradição descrita acima e dissolver a solução de continuidade entre todo e parte conforme analisada até aqui. O nome do sistema diz muito sobre os valores democráticos e éticos desse instrumento de defesa contra a política dos poucos: Rousseau (<https://rousseau.movimento5stelle.it>).

Rousseau é o resultado de um longo trabalho de programação, que objetiva reconectar a cidadania às atividades dos seus eleitos segundo o princípio da participação digital o mais frequente possível. Esse sistema operacional propõe uma série de páginas, nas quais os ativistas podem intervir com base numa lógica colaborativa na agenda política do MSS: participação na escrita das leis nacionais propostas pelos parlamentares (regionais e europeus); participação nas propostas de leis pelos próprios eleitores; voto na lista eleitoral ou em pronunciamento sobre um tema específico; captação de recursos, coleta de fundos para eleições ou eventos do MSS; proteção da rede, coleta de fundos sobre a tutela legal do MSS ou de seus inscritos e eleitos; propostas de lei formuladas pelos inscritos que, em seguida, serão apresentadas aos eleitos nas diversas sedes; aulas em *e-learning* sobre a estrutura na qual estão inseridos os eleitos e seu funcionamento; compartilhamento de arquivo com as diversas propostas (integração, deliberação, leis etc.) em nível municipal e regional com taxonomia comum.

Sem entrar no mérito da funcionalidade ainda muito discutível dessa forma de *web-democracia*, o que se tem a sublinhar é a tentativa de resolver a separação entre a prática decisória *on-line-off-line* experimentada nesses anos e a sempre difícil conexão entre cidadãos eleitos e cidadãos ativistas com experiência no MSS.

Rousseau representa, de um ponto de vista cultural, uma tentativa muito árdua de resolver essa contradição, legitimando a possibilidade de construir uma política democrática pelo bom uso dos algoritmos da *web*. A famosa sentença “A rede decide”, frequentemente utilizada pelos militantes e pelos eleitos do MSS, encontraria sua demonstração nessa nova plataforma digital. Se é verdade que esse movimento é *internet-fuelled* (Mosca, Vaccari e Valeriani 2016), sua tentativa de restituir um caráter totalmente horizontal à atividade política tradicional está ainda sem solução. Rousseau é considerado um instrumento para construir uma espécie de “ágora virtual” integralmente democrática. Mas ao menos duas questões parecem contradizer esse princípio ético e participativo ciberutópico. A primeira diz respeito à relação entre espaço digital e espaço real. O laboratório das redes de MeetUps pode ser considerado uma excelente fase experimental, porque articula o face a face com a colaboração digital. Rousseau e a plataforma de voto do MSS não preenchem essa falta, polarizam a participação em direção ao extremo digital, rompendo uma forma de sustentação com a ligação social que é fundamental: o corpo, a emotividade, a presença identitária subjetiva. Se o cidadão se transforma única e exclusivamente em textos, em *click to decide*, o sentido de adesão da *pars expressiva* não encontra sua plena expressão. A segunda questão diz respeito ao contrário à verticalidade latente do sistema operacional como tecnologia com uma arquitetura específica. Formenti (2013, p. 173) revela que

o horizontalismo da democracia digital reivindica a regra e o princípio da participação e do controle por baixo, mas se encontra contrainstintivamente a prestar contas com o princípio da verticalidade que é imanente à modalidade de funcionamento de um meio no qual 90% do conteúdo é gerado por 10% dos usuários.

Soma-se a isso a influência que o *blog* de Grillo tem sobre a elaboração dos conteúdos políticos que o M5S procura enfrentar... Corre-se o risco de que a subjetividade antagonica perca cada gancho com a realidade estrutural e se torne pensável exclusivamente em termos de construção linguístico-narrativa, na forma de uma narrativa em espaço digital.

Ecumênico, não ideológico, ainda fortemente inspirado na cultura da *web* de caráter ciberutópico, o M5S vive essa contradição de maneira criativa: não deixa de se transformar e de refletir, a fim de procurar compreender como integrar as aspirações de transcendência da política e do poder tradicional do sublime digital (Mosco 2005) com as formas de participação pragmáticas e socialmente compartilhadas. O princípio de individualização do indivíduo moderno (Castel e Haroche 2001) se encontra com o modelo holístico de assimilação da subjetividade em fluxo digital. A *web* como “forma simmeliana” de interação social tem traços ainda muito pouco definidos e convincentes, porque o algoritmo de um sistema operacional não poderá nunca ser candidato a primeiro-ministro nas eleições. E isso, nem mesmo os cidadãos ativos do M5S desejam.

Quadro descritivo

Principais passagens históricas

- Janeiro de 2005 – Nascimento do *blog* de Beppe Grillo.
- Julho de 2005 – Adoção da plataforma social MeetUp para a criação de grupos de discussão e de ativismo local.
- 8 de setembro de 2007 – Vday de Bolonha, primeiro grande evento de expressão nacional, com tema central da corrupção na política; referendo popular apresentado à câmara com 336 mil assinaturas recolhidas em dois dias.
- 25 de abril de 2008 – Organização do V2day, com o tema da informação; recolhimento de assinaturas para a revogação da Ordem dos Jornalistas.
- Abril de 2008 – Primeira participação das listas civicas certificadas nas eleições. Um vereador eleito em Treviso.
- 8 de março de 2009 – Carta de Florença. Doze pontos para o programa de listas civicas para as eleições.
- 9 de setembro de 2009 – Nascimento do Movimento Nacional 5 Estrelas. Inspirado na Carta de Florença.
- 2010 – Participação nas eleições regionais e municipais: dois conselheiros regionais na Emilia-Romagna; dois conselheiros regionais em Piemonte; oito conselheiros municipais em várias pequenas comunidades.
- Maio de 2012 – Participação nas eleições para o executivo: quatro prefeitos, entre eles, o prefeito de Parma.
- Outubro de 2012 – Participação na eleição regional da Sicília: o M5S é a lista mais votada, com 14,90% dos votos, e obtém 15 cadeiras no conselho regional.
- Fevereiro de 2013 – Participação nas eleições: 25,55% dos votos na Itália e 9,67% no exterior para a câmara, 109 deputados; 23,79% na Itália e 10% no exterior, 54 senadores.
- Maio de 2014 – Participação nas eleições europeias: 21,15% dos votos, 17 cadeiras no parlamento europeu.
- 12 de abril de 2016 – Morte de Gianroberto Casaleggio (cofundador do M5S, com Grillo).
- Junho de 2016 – Participação nas eleições executivas. Vitória em quatro municípios, eleição dos prefeitos de Roma e Turim.

Pontos principais da atividade política do M5S

- Contraste em relação à partidarocracia e à corrupção na vida política do país.
- Participação direta da cidadania na vida política do país e superação da política representativa.
- Uso sistemático da tecnologia digital para permitir o exercício pleno da soberania popular.
- Abolição do financiamento público dos partidos.
- Limite máximo de dois mandatos para a carreira política de um cidadão eleito e obstrução da carreira política individual.
- Redução dos custos da política e da administração pública; redução do gasto dos eleitos, recusa de reembolso de gastos eleitorais; proibição de sobreposição de mandatos.
- Ambiente sustentável: uso de energias renováveis; substituição definitiva dos combustíveis fósseis; alcance de autossuficiência energética e apoio à reciclagem de resíduos com total abolição dos incineradores; sistema de água público; aumento exponencial dos transportes públicos.
- Introdução de uma renda de cidadania mínima baseada no trabalho justo.
- Abolição do crime por ser clandestino.
- Luta radical contra a evasão fiscal.

- BARLOW, J.P. (1996). "A declaration of the independence of cyberspace". Electronic Frontier Foundation. [Disponível na internet: <https://www.eff.org/cyberspace-independence>.]
- BORDIGNON, F. e CECCARINI, L. (2013). "Five stars and a cricket. Beppe Grillo shakes Italian politics". *South European Society and Politics*, v. 18, pp. 427-449.
- CASTEL, R. e HAROCHE, C. (2001). *Propriété privée, propriété sociale, propriété de soi*. Paris: Fayard.
- CRAVERI, P. (2016). *L'arte del non governo: L'inarrestabile declino della Repubblica italiana*. Veneza: Marsilio.
- FORMENTI, C. (2000). *Incantati dalla rete: Immaginari, utopie e conflitti nell'epoca di Internet*. Milão: Cortina.
- _____. (2013). *Utopie letali: Contro l'ideologia postmoderna*. Milão: Jaca Book.
- GAMSON, W.A. (1988). "Political discourse and collective action". In: KLANDERMANS, B.; KRIESI, H. e TARROW, S. (orgs.). *From structure to action: Social movement participation across cultures*. Greenwich: JAI, pp. 219-244.
- GODIN, C. (2000). "Le tout dans la partie". *Les Cahiers de Médiologie*, n. 9, pp. 179-188.
- JAMESON, F. (1981). *The political unconscious: Narrative as a socially symbolic act*. Ithaca: Cornell University Press.
- MELUCCI, A. (1982). *L'invenzione del presente: movimenti sociali nelle società complesse*. Bolonha: Il Mulino.
- MOROZOV, E. (2001). *The net delusion: The dark side of internet freedom*. Nova York: PublicAffairs.
- MOSCA, L.; VACCARI, C. e VALERIANI, A. (2016). "An internet-fuelled party? The Movimento 5 Stelle and the web". In: TRONCONI, F. (org.). *Beppe Grillo's Five Star Movement: Organisation, Communication and Ideology*. Londres: Routledge, pp. 127-151.
- MOSCO, V. (2005). *The digital sublime: Myth, power, and cyberspace*. Cambridge: MIT Press.
- NATALE, S. e BALLATORE, A. (2014). "The web will kill them all: New media, digital utopia, and political struggle in the Italian 5-Star Movement". *Media, Culture & Society*, v. 36, n. 1, pp. 105-121.
- SEN, A. (1999). "The possibility of social choice". *The American Economic Review*, v. 89, n. 3, jun., pp. 349-378.
- VACCARI, C. (2008). "Più informazione che partecipazione: I siti internet dei partiti nella campagna elettorale". *Comunicazione Politica*, v. 9, n. 2, outono, pp. 183-198.
- WEINBERGER, D. (2002). *Small pieces loosely joined: A unified theory of the web*. Cambridge: Perseus.

* Tradução: Eli Borges Júnior.

GASTRONOMIA E REDES DIGITAIS: DO CONSUMO CRÍTICO AO NET-ATIVISMO*

Tito Vagn

Alimentação e meios de comunicação sempre tiveram uma relação bastante próxima. Vivemos hoje, no entanto, uma verdadeira e própria fusão entre gastronomia e plataformas digitais que tem gerado um fenômeno novo e compreensível somente com base na ideia de net-ativismo, entendido como forma de habitar típica das redes digitais, tal como concebem as pesquisas de Massimo Di Felice (2017). Um ponto de partida que parece imprescindível para apreender a descontinuidade entre o ativismo de matriz novecentista – ligado ao consumo alimentar, concretizando-se na ideia de “decréscimo feliz” (Latouche 2008) e a formação do consumidor de hoje, que se apoia sobre novas possibilidades de produzir e compartilhar conteúdos nas plataformas digitais. Se, no primeiro caso, como se tentará mostrar, as escolhas alimentares eram usadas no contexto da luta contra o sistema do consumo, com as redes digitais, a dimensão política entendida no sentido tradicional é superada por uma lógica ecológica na qual o ato conectivo também no âmbito gastronômico, é capaz de agir e reconfigurar todo o sistema de consumo desde o seu interior, graças à colocação dos consumidores/usuários no mesmo plano dos grandes produtores alimentares.

Em segundo lugar, a interpretação baseada no net-ativismo permite mostrar como a difusão das plataformas digitais teria modificado profundamente